UM EXERCÍCIO PARA INVESTIGAÇÃO EM ACERVO DE VÍDEOS EDUCATIVOS EM SAÚDE: UTILIZANDO AS NOÇÕES DE ACONTECIMENTO E ARQUIVO

Marcia Bastos de **Sá** – UFRJ
Vera Helena Ferraz de **Siqueira** – UFRJ
Agência Financiadora: CAPES

Introdução

A incorporação do cinema e do vídeo a situações de ensino e aprendizagem teve início nas primeiras décadas do século XX e hoje, no Brasil, inúmeros são os espaços escolares que contam com pelo menos uma televisão e um videocassete. A presença desses suportes em ambientes educacionais pode ser entendida como o reconhecimento do valor da imagem em movimento em ou para as ações pedagógicas, o que justifica a crescente importância de estudos que se voltem à compreensão de aspectos relacionados a essa temática. Nesse sentido, nota-se recentemente, por exemplo, o aumento considerável de artigos e publicações dedicados às relações entre educação e cinema ou educação e televisão.

Também vem despertando o interesse de pesquisadores o vídeo educativo, entendido como uma produção que "supostamente se estrutura como ato comunicativo que apresenta, de um modo ou de outro, uma demarcação, uma metodologia de ensino, um princípio pedagógico, voltados para um domínio específico de conhecimento ou para o adestramento de uma prática" (XAVIER, 2008, p.15). Contudo, é digno de atenção o fato de que o estudo do vídeo educativo em si mesmo, como *a* modalidade de produção audiovisual mais explicitamente vinculada às intenções pedagógicas não seja o foco preferencial das investigações. Em levantamento da produção intelectual no Portal CAPES, utilizando os termos "vídeo" e "educação", observamos que a maioria das 20 teses de doutorado defendidas sobre a temática entre 1999 e 2007 se refere ao uso do vídeo como ferramenta em pesquisas ou a estudos de recepção e, apenas uma, originária da área da comunicação, se debruça sobre aspecto intrínseco à elaboração do material, a saber, o estudo das estratégias informacionais em vídeos em saúde.

Qualquer filme e, portanto, também os vídeos educativos, elaboram e fazem circular discursos, produzindo sistemas de significação. O estudo desses sistemas de significação desenvolvem-se em quatro grandes vertentes: pela semiologia do filme, originada em Roland Barthes, tomando o "discurso fílmico" como objeto de estudo; pela pragmática, analisando "os diversos atos que um discurso realiza, as relações entre o locutor e o receptor"; pela teoria psicanalítica e pela sociologia, analisando "toda

produção discursiva pelo inconsciente e pela ideologia"; pela "lingüística do filme, de inspiração generativa, que entende a teoria do discurso como teoria da determinação histórica dos processos semânticos" (AUMONT e MARIE, 2003, p. 82).

Contudo, pensar em discurso e, muito especialmente na análise de discursos, nos remete também a Michel Foucault. Suas formulações sobre esse tema foram elaboradas numa rede de tensões que incluía debates com a gramática, a lingüística e a semiologia, pois a intenção era

> não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos e representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2005, p. 55).

Esse "mais" de que fala Foucault é definido como enunciado – "uma função que cruza um domínio de estruturas e unidades possíveis e que faz com que [estas] apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço" (FOUCAULT, 2005, p. 98) – e é sobre ele que se edifica sua teoria do discurso. Resumidamente podemos dizer que para o autor, o discurso é "um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos de conhecimento diferentes" (o jurídico, a economia, a política, etc), "mas que obedecem a regras de funcionamento comuns" que, por sua vez, "reproduzem um certo número de rupturas historicamente determinadas" (REVEL, 2005, p. 37).

Ao assistirmos os vídeos educativos que compõem acervo produzido por uma universidade pública brasileira, inquietou-nos a impressão de que aqueles materiais diziam e mostravam *mais* do que aquilo que intencionalmente eles pretendiam dizer e mostrar. Junto com os conteúdos, as formas, as representações, os contextos, algo "ao mesmo tempo não visível e não oculto" parecia anunciar sua presença, deixar um vestígio. Como ter acesso a isso? Como entender, como analisar isso que parece querer escapar dentro da cadeia de elementos que formam uma produção audiovisual?

Essas questões acabaram por nos levar ao objeto de pesquisa de doutorado em andamento, da qual este trabalho é um recorte, que tem como um de seus objetivos a construção de uma metodologia que possibilite a análise de enunciados e visibilidades em um acervo de vídeos educativos relacionados à saúde, sob a perspectiva da análise do discurso de Foucault.

Para o desenvolvimento desta metodologia partimos da compreensão do acervo de vídeos – e cada vídeo em particular – como um produto histórico e, para isso impõe-se, antes de tudo, um rompimento com a concepção da história como sendo "contínua,

linear, provida de uma origem e de um *telos*" e, portanto, apenas afeita à interpretação. Em seu lugar, Foucault propõe que a historia seja investigada, analisada e questionada a partir duas abordagens complementares: pela "arqueologia", que terá por objetivo "explicar o aparecimento dos saberes, a partir das condições de possibilidades externas aos próprios saberes, e ao mesmo tempo, imanentes a eles, sem enfocá-los como efeitos ou resultantes"; e pela "genealogia", que terá por meta estabelecer por um lado, "relações entre saberes" e, por outro, promover "uma articulação entre os saberes e as práticas institucionais, como a família, a igreja, a justiça, etc." (PORTOCARRERO, 1992, p. 232-236). Sob esta ótica, o acervo entendido como produto histórico possibilita, um questionamento a respeito dos saberes, das relações entre saberes e da relação entre os saberes e as práticas institucionais que deram condição de existência a enunciados e visibilidades em cada um dos vídeos.

Neste texto delineamos breve exercício de caráter exploratório que, tomando as noções foucaultianas de acontecimento e arquivo como âncoras teóricas, intenciona encontrar pistas para o desenvolvimento de procedimentos para localização, seleção e análise de enunciados e visibilidades sobre educação e saúde em vídeos produzidos por universidade pública brasileira. Para tanto apresentaremos a descrição e a análise de dois extratos de vídeos do acervo estudado.

O vídeo como documento histórico

Longe de instituir como foco de interesse um arquivo morto, nosso trabalho pretende questionar o acervo de vídeos em seu conjunto e cada vídeo analisado individualmente enquanto documento histórico buscando desenvolver uma metodologia que possibilite uma reconstituição e análise dos discursos e das práticas – enunciados discursivos e não-discursivos/ visibilidades – sobre educação e saúde nas últimas três décadas no Brasil.

A pressuposição de que os vídeos são documentos históricos encontra sua justificativa tanto em "A arqueologia do Saber" (2005), de Michel Foucault, como em "História e Memória" (1990), de Jacques Le Goff. Uma das primeiras ações que marcou o início de uma história nova foi empreendida pelos pioneiros da revista "Annales d'histoire économique et sociale" em 1929, e esta ação se concentrou sobre a ampliação da noção do documento: "A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando estes não existem" (FEBVRE apud LE GOFF, 1990, p. 540). Em 1961,

seguindo nessa empresa, Samaran afirma: "Há que se tomar a palavra documento no sentido mais amplo, documento escrito, ilustrado, transmitido pelo som, a imagem, ou de qualquer outra maneira" (apud LE GOFF, id., ib.). A partir dos anos 1960, e especialmente devido à revolução tecnológica produzida pelo computador, ocorre a denominada "revolução documental": uma revolução quantitativa e qualitativa que amplia o interesse histórico dos grandes nomes, eventos e temas para o interesse por todos homens. Da confluência dessas duas revoluções – a tecnológica e a documental – "nasce a história quantitativa" que altera novamente o estatuto do documento: "O documento, o dado já não existem por si próprios, mas em relação com a série que os precede e os segue, é o seu valor relativo que se torna objetivo e não a sua relação com uma inapreensível substância real" (FURET, 1974, p. 47).

É a tudo isto, às muitas questões, desdobramentos e problemas inaugurados pela história nova, que Foucault se refere na Introdução de "A Arqueologia do saber" (2005 p. 3-20). Trata-se ali de estabelecer os parâmetros que dariam contorno às proposições arqueológicas, das noções básicas - como história, documento, arquivo, acontecimento, enunciado e termos a ele referidos – aos procedimentos metodológicos. Como ponto de partida, a crítica ao documento: não mais o entendimento do documento como prova absoluta, irrefutável e inquestionável da evolução dos fatos de uma história linear, à espera de uma interpretação que lhes extraia um significado oculto, mas um trabalho em seu interior com vistas a uma elaboração: organizar, recortar, distribuir, ordenar e repartir em níveis, estabelecer séries, distinguir o que é pertinente do que não é, identificar elementos, definir unidades, descrever relações.

Noção de acontecimento, seleção e análise de vídeos

A seleção dos vídeos e dos extratos de vídeos para análise foi orientada pela noção de *acontecimento*. Foucault propõe duas compreensões distintas para a noção de *acontecimento*: a primeira toma o *acontecimento* como um fato que trabalhado pelo método arqueológico possibilitará a reconstrução de "toda uma rede de discursos, de poderes, de estratégias e de práticas"; a segunda, alinhada à compreensão "do discurso como uma série de acontecimentos" concebe *acontecimento* como "uma cristalização de determinações históricas" implicando na "análise de diferentes redes e níveis aos quais os acontecimentos pertencem" com vistas a uma investigação "da relação entre os

‘acontecimentos discursivos’ e os acontecimentos de outra natureza (econômicos, sociais, políticos, institucionais)” (REVEL, 2005, p. 13).

Segundo o autor, a inserção do *acontecimento* no centro das suas análises e, mais especificamente, a concepção do “discurso como uma série de acontecimentos”, o situa “automaticamente na dimensão da história” (FOUCAULT, 2006a, p. 256). Visando distinguir sua noção da idéia de “história acontecimental” própria do campo da História tradicional, Foucault cunha o termo *acontecimentalização* como “a tomada de consciência das rupturas da evidência induzidas por certos fatos” ou “a irrupção de uma singularidade histórica” (REVEL, 2005, p. 14). A partir desta especificação, dois discursos foram desenvolvidos: um primeiro consistindo em dizer que repetimos alguns acontecimentos sem perceber, dirige o foco de atenção para as permanências, ou seja, para os discursos, práticas, comportamentos e instituições que continuam a nos atravessar na história do presente; o segundo, visando buscar na atualidade “os traços de uma ruptura acontecimental”, privilegia uma identificação das possibilidades de mudança que emergem “da contingência histórica, que nos faz ser o que somos” (REVEL, 2005, p. 14-21).

Existem, portanto, *acontecimentos* de diferentes níveis – fatos ordinários, que se repetem e parecem comuns ou familiares e, eventos extraordinários, inesperados, que promovem rupturas. Seja pela repetição ou pela excentricidade, os *acontecimentos* discursivos e não-discursivos (as práticas), estão sempre carregados de marcas, de registros, que apontam para uma história onde eventos de várias naturezas (político, econômico, etc.) e temporalidades (presente, passado e futuro) mantém relações – se justapõem, sobrepõem, interpelam, atualizam e coexistem. Para Foucault é importante considerar “que existe um escalonamento de tipos de acontecimentos diferentes que não têm o mesmo alcance, a mesma amplitude cronológica, nem a mesma capacidade de produzir efeitos” e que, exatamente por isso, “o problema é ao mesmo tempo distinguir acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros” (FOUCAULT, 2008, p. 5).

Apresentaremos a seguir uma análise preliminar, ainda merecedora de aprofundamento, de dois vídeos: “Coração: relações e morfologia externa”, de 1977 e “Hipotireoidismo na infância”, de 1976. Trabalhamos no primeiro vídeo sobre um recorte, compreendendo o acontecimento como fato ordinário, aquilo que se repete mesmo sem que percebamos, e que evidencia uma permanência que será apreciada em

nossa análise. No outro, um acontecimento não previsto que irrompeu durante o processo de gravação do material guiou nosso interesse e possibilitou uma análise sobre o significado do *arquivo* como "a lei do que pode ser dito" (FOUCAULT, 2005b).

"Coração: relações e morfologia externa" (1977)

Este vídeo, dedicado ao estudo morfológico do coração e de suas relações com outros órgãos do tórax, foi elaborado para servir como recurso pedagógico à integração das disciplinas do ciclo básico de cursos das Ciências da Saúde. Sua duração é de 40 minutos, e o apresentador do estudo aparece em cena por 6 minutos ao longo de todo o filme. Sempre presentes, contudo, são sua voz e a imagem dos recursos utilizados para ilustrar os ensinamentos, denominados no vídeo como "modelos" – vivo, plástico, cadáver de criança, RX, peça anatômica. A escolha por cada um desses "modelos" parece estar apenas relacionada à sua adequação para ilustrar o conteúdo trabalhado.

Selecionamos deste vídeo um recorte de 1 minuto e 6 segundos para análise. A cena é composta por um *take*[1], com um único plano estático, com enquadramento[2] frontal, dirigido dos pés para a cabeça, ligeiramente em *plongée*[3] mostrando o terço superior (tórax, ombros e cabeça) do cadáver de uma criança. Um pequeno bastão interfere intermitentemente no quadro em consonância com texto proferido por uma voz *off*[4], ora localizando ou deslocando no cadáver os elementos sobre os quais se fala, ora apenas acompanhando os movimentos expressivos do narrador. Pode-se observar o deslocamento da sombra do narrador sobre o quadro. O texto proferido é composto por sete frases curtas que explicam ou justificam o que foi feito e, que localizam os elementos no tórax.

A imagem do cadáver da criança nos remeteu imediatamente à pintura "Aula de anatomia do Dr. Joan Denyan" de Rembrandt, de 1656. O que faz com que uma pintura de 1656 seja evocada e, de certo modo, repetida numa imagem de 1977? O que permite que uma certa prática – a prática do ensino de anatomia – seja representada de modo tão semelhante (embora em materialidades diferentes) apesar dos mais de 300 anos que separam a produção do quadro da produção do vídeo?

---

[1] Tomada; começa no momento em que se liga a câmera até quando é desligada.
[2] São os limites laterais, superior e inferior da cena filmada. É a imagem que aparece no visor da câmera.
[3] Câmera focalizando a pessoa ou o objeto de cima para baixo; também chamado ângulo alto.
[4] Uma voz de alguém que está presente, mas não aparece na cena.

A análise do recorte selecionado, entendido como evidência de um *acontecimento* no sentido ordinário, ou seja, como algo que pela repetição permanece distinguindo o discurso médico até os dias de hoje, poderá ser útil para entendermos um pouco sobre as "relações complexas e embaralhadas" que existem entre imagens e palavras (FOUCAULT, 2005a, p. 79-80) e, muito especialmente, como enunciados e visibilidades as habitam.

Deleuze afirma categoricamente que a arqueologia concebida por Foucault "é um arquivo audiovisual" (2006, p. 60) constituído pela combinação "de coisas e palavras, de ver e de falar, de visível e dizível, de regiões de visibilidade e campos de legibilidade" (id., p. 57), de onde os enunciados e as visibilidades precisam ser extraídos. Como as "unidades lingüísticas (palavra, frase, proposição, ato de linguagem)" e "os elementos visuais ou mais geralmente sensíveis, qualidades, coisas, objetos, compostos de objetos" não são, mas carregam enunciados e visibilidades, que são funções que cruzam essas diversas unidades, é preciso tanto "rachar, abrir as palavras, as frases, as proposições para extrair delas os enunciados" como "rachar as coisas, quebrá-las" para "também extrair das coisas e da vista as possibilidades, as evidências" (id., p. 60-62).

Seguindo a sugestão de Deleuze, rachamos a única cena deste recorte para buscar o que mais poderia estar sendo também mostrado – as visibilidades – e dito – os enunciados – e que não nos é dado a "ver" e "ouvir" diretamente. A mão segurando a varinha, a sombra ocasional e a voz daquele que no recorte conduz uma prática de ensino não apontam para um sujeito específico, mas para uma vacância – a um só tempo oferta (convite), promessa e condição – de uma posição de sujeito dentro de uma ordem de um discurso, neste caso o discurso médico. A oferta para que um indivíduo ocupe a função de representante do saber médico inclui uma promessa de poder que, no entanto, para ser alcançada, impõe a aceitação e submissão às regras e procedimentos que produzem e regulam tanto o discurso médico e seu saber-poder, como seus representantes. A este respeito Foucault escreve: "Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso [...] não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar" (1999, p. 10).

Ao refletir sobre os procedimentos de controle e delimitação do discurso, Foucault chama nossa atenção para a "vontade de verdade", segundo ele, a menos falada e a mais "prodigiosa maquinaria" dos "sistemas de exclusão que atingem o

discurso" (1999, p. 19). Entendida de modo simples como o conjunto de operações destinadas à separação do verdadeiro e do falso, essa "vontade de verdade" pressiona nossos modos de conhecer, saber e ser. Assim, o uso do cadáver como recurso ilustrativo, a evocação da pintura de Rembrandt, o uso do bastão para assinalar elementos no cadáver, o anonimato do sujeito no quadro, a voz *off* que enuncia os ensinamentos, as frases curtas, a redundância entre o que se fala e o que se mostra, destinam-se à delimitação e controle do saber e dos sujeitos que produzem e são produzidos pelo discurso médico.

Procuramos evidenciar que no recorte analisado se desenrolaram dois níveis de texto: um primeiro, imediatamente apreensível, ensina a localização do coração e suas relações morfológicas com outros elementos do tórax utilizando um cadáver como modelo ilustrativo; e um segundo texto, da ordem dos enunciados e das visibilidades, se desenvolve "mascarado", destinado a produzir algo mais complexo e profundo, a saber, a permanente produção do discurso médico como um "discurso de verdade". E, mais uma vez nos remetendo a Foucault: "[...] na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que está em jogo, senão o desejo e o poder? [...] a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdade que ela quer não pode deixar de mascará-la" (1999, p. 20).

"Hipotireoidismo na infância" (1976)

Vídeo dedicado ao estudo do hipotireoidismo congênito a partir do acompanhamento clínico do menino Carlos Alberto, de quatro anos de idade. Ocorrem dois momentos distintos no vídeo. O primeiro é dedicado à exposição didática sobre o tema incluindo a apresentação de textos escritos e gráficos como recursos de apoio, dois exames físicos do menino e, uma exposição das características deste em comparação às de uma menina, sem hipotireoidismo, também de quatro anos, visando ilustrar as alterações de crescimento e desenvolvimento provocadas pela ausência da função tireoidiana.

Antes do segundo exame físico de Carlos Alberto, o médico informa que "por motivos que discutiremos depois", o menino não compareceu à primeira consulta de acompanhamento, marcada para 15 dias após a alta hospitalar, o que só acontece quatro meses depois.

O segundo momento do vídeo apresenta uma breve entrevista feita pelo médico à Dra Maria Helena, médica que realizou visita domiciliar à família da criança, e a esta

se segue depoimento do médico sobre a ausência do menino ao acompanhamento médico conforme o previsto. Para finalizar é apresentada entrevista da Dra Maria Helena à mãe de Carlos Alberto, coberta por imagens filmadas do local de residência.

Por ser tratar de um acompanhamento clínico, as filmagens pretendiam registrar a evolução do crescimento e do desenvolvimento de Carlos Alberto em função da terapêutica desenvolvida. O menino foi filmado em três momentos distintos: logo que foi internado para tratamento; ao trigésimo dia, no momento de sua alta, já apresentando satisfatória evolução clínica pelo uso das medicações; e somente depois de quatro meses, quando, enfim, realiza sua primeira consulta ambulatorial que deveria ter ocorrido após quinze dias da alta, ou seja, 105 dias antes.

O não comparecimento à primeira consulta ambulatorial conforme o previsto foi um evento que irrompeu abruptamente no processo de acompanhamento clínico, e de filmagem do vídeo, provocando a ruptura de um planejamento previamente estabelecido e, principalmente, abrindo a possibilidade de uma mudança no entendimento e na atitude do médico frente aos saberes e às práticas estabelecidas naquele dado momento histórico.

Um dilema, provavelmente, se impôs: por um lado, o uso das medicações e do acompanhamento clínico regular das crianças com hipotireoidismo congênito possui um caráter de obrigatoriedade; por outro lado, se a criança não comparece, como realizar a terapêutica? Decidiu-se pela busca da criança em sua residência, e após três meses e meio da alta, é finalmente realizada a primeira consulta de acompanhamento e concluída a filmagem do vídeo. A realização da visita domiciliar, o contato com o ambiente onde a família vivia, trouxe para a cena clínica, elementos até então não considerados, desconhecidos ou mal compreendidos. O anúncio feito pelo Dr. Pedro – "por motivos que discutiremos depois" – se refere a estes elementos e surge na forma de um depoimento já no terço final do vídeo (grifo nosso):

> No primeiro exame físico feito em Carlos Alberto eu declarei que todos os fatores fundamentais para o crescimento e o desenvolvimento normal tinham estado presentes com exceção de um, a função tireoidiana**.** Quando Carlos Alberto faltou à primeira visita marcada no ambulatório**, nós fomos obrigados a ir procurá-lo no ambiente em que vivia e tomamos consciência** de que Carlos Alberto não é simplesmente um caso de hipotireoidismo congênito, mas uma criança que, como nós veremos, vive num ambiente de extrema miséria, e esta miséria e a desnutrição daí resultantes podem afetar o crescimento e o desenvolvimento de uma criança quase tanto quanto uma deficiência hormonal. Além disso, a dificuldade na aquisição de remédios pode alterar inteiramente o plano terapêutico previsto. No tratamento de Carlos Alberto **nós teremos que levar em consideração toda a condição sócio-econômica da família**, e tratar não um caso isolado de uma doença, como a gente tende a simplificar, mas um ser humano, uma criança, vivendo em condições extremamente difíceis; vivendo e indo voltar para esse ambiente uma vez saída do hospital.

> O verdadeiro sucesso terapêutico só será obtido se todos esses dados forem levados em consideração (Pedro Solberg, 1976).

O que o médico pode aprender deste *acontecimento*, e que ensina com seu depoimento, permanece ainda hoje como um desafio, estando em diversas pautas de discussões: já desenvolvemos Programas de Triagem Neonatal, mas ainda há muito a fazer[5]; já entendemos e definimos *saúde* no artigo terceiro das Disposições Gerais da Lei nº 8080, de 19 de setembro de 1990, mas ainda lutamos para realizar aquilo que nela está previsto; já compreendemos que o ensino biomédico que privilegia a formação técnica não forma os profissionais necessários a um país como o nosso e, por isso, continuamos trabalhando para que os currículos ofereçam oportunidades mais favoráveis para a formação de pessoas destinadas ao pleno exercício da cidadania.

Como anunciamos anteriormente, a análise deste vídeo contribuiu para uma compreensão do significado do *arquivo* como "a lei do que pode ser dito", explicitado como se segue:

> [...] temos na densidade das práticas discursivas sistemas que instauram os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho chamar de *arquivo*. [...]. O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares (FOUCAULT, 2005b, p. 146-147).

Gostaríamos de ressaltar que esse entendimento só poderá ser alcançado em toda sua magnitude se mantivermos em mente a compreensão de que para Foucault, toda e qualquer relação social ou institucional e, portanto todos os discursos e práticas, são produzidos dentro de relações de poder que, por sua vez, "são relações móveis, isto é, podem se modificar, não são dadas de uma vez por todas" (FOUCAULT, 2006b, p. 276). Assim, o *arquivo* é, para nós, o ponto privilegiado de passagem da análise do saber à do poder e desta à do sujeito, ou dito de outro modo, da passagem da arqueologia, à genealogia e desta à hermenêutica do sujeito.

Vale lembrar, por outro lado, que o próprio autor também admitiu que os deslocamentos são mais raros que as permanências. De toda maneira, é por meio do estudo da nossa atualidade que poderemos encontrar os vestígios que apontam para uma

---

[5] Sugerimos para um breve histórico dos Programas de Triagem Neonatal e debates mais recentes sobre o tema o artigo MARTON DA SILVA, M.B.G.; LACERDA, M.R. "Teste do pezinho": por que coletar na alta hospitalar. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 5 n. 2:50-54, 2003. Disponível em http:/www.fen.ufg.br/revista.

"ruptura acontecimental" e, assim, talvez possamos identificar e aproveitar as possibilidades de mudança que emergem da contingência histórica.

Conclusão

A análise desses dois vídeos possibilitou a compreensão de que a especificidade dos acontecimentos que orientaram a seleção do material analisado implicou estratégias de análise diferentes. Com isso, percebemos que o trabalho com a metodologia foucaultiana implica em um desprendimento de métodos pré-estabelecidos de organização e análise, pois os procedimentos são erigidos a partir do questionamento possibilitado por cada documento enquanto historicização de saberes, de relações entre saberes e de relações entre saberes e práticas institucionais, e por esta complexidade são informados.

Voltando à nossa impressão inicial de que os vídeos educativos diziam e mostravam *mais* do que aquilo que intencionalmente eles pretendiam dizer e mostrar, não temos dúvida que esse *mais* pode ser entendido e analisado a partir da abordagem foucaultiana, e tratado como enunciados e visibilidades. Como antecipamos, este breve exercício exploratório da produtividade de algumas noções foucaultianas para o estudo de vídeos não nos forneceu respostas definitivas, mas algumas pistas e esclarecimentos. O trabalho de Foucault também há muito vem sendo discutido nos estudos de Rosa Maria Bueno Fisher (2001; 2002; 2004; 2005; 2007) e, com eles vimos dialogando a cada passo de nossa construção. O que podemos constatar com Fisher, e como ela, é que o trabalho com referencial foucaultiano é desafiador e apaixonante.

Referências Bibliográficas

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. Dicionário teórico e crítico de cinema. Campinas, SP: Papirus, 2003.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. 6ª reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FISCHER, Rosa M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas), São Paulo (SP), v. 114, p. 197-223, 2001.

_____. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro (RJ), v. 20, n. 0, p. 83-94, 2002.

_____. Na companhia de Foucault: multiplicar acontecimentos. *Educação e Realidade*, Porto Alegre (RS), v. 29, n.1, p. 215-227, 2004.

_____. O visível e o enunciável no dispositivo pedagógico da mídia: contribuição do pensamento de Foucault aos estudos de comunicação. *Verso e Reverso*, São Leopoldo (RS), v. XIX, n. 40, p. 01-17, 2005.

_____. *Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas*. Revista Brasileira de Educação, v. 35, p. 290-299, 2007.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 5ª ed. SP: Loyola, 1999.

_____. As palavras e as imagens. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Col. Ditos e Escritos II. (Org.) Manoel de Barros Motta. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a.

_____. *A arqueologia do Saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005b.

_____. Diálogo sobre o poder. *Estratégia, Poder-Saber.* Col. Ditos e Escritos IV. (Org.) Manoel de Barros Motta. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. *Ética, Sexualidade, Política.* Col. Ditos e Escritos V. (Org.) Manoel de Barros Motta. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

_____. Verdade e poder. *Microfísica do poder*. (Org.) Roberto Machado. 25ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp, 1990.

MACHADO, Arlindo. *Made in Brasil*: três décadas do vídeo brasileiro. São Paulo: Iluminuras/ Itaú Cultural, 2007.

PORTOCARRERO, Vera. Algumas noções sobre o pensamento de Michel Foucault: da epistemologia à arqueologia do saber e à genealogia do poder. In: HÜHNE, L. M. (Org.) *Metodologia Científica*: cadernos de textos e técnicas. 5ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1992.

REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. 1ª ed. São Carlos, São Paulo: Claraluz, 2005.

XAVIER, Ismail. Um cinema que "educa" é um cinema que nos faz pensar. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.33, n.1, p.1-238, jan./jun., 2008.